

Superioridade masculina: limites entre poder e submissão abordados em *Gabriela*, adaptação de Walcyr Carrasco

Josimare Francisco dos Santos¹
Adriana Correia Rodrigues²
Joelma Gomes Ribas Santos²
Neucy Coelho Pagotto²

Resumo: Estudo das representações de masculinidade baseadas nas relações de poder e na distinção entre sexos. Para tanto, analisaremos o comportamento de algumas personagens, como Sinhazinha, Jesuíno, Nacib, Gabriela e Raimundo Falcão, da adaptação de Walcyr Carrasco, *Gabriela*, enfocando o discurso de universalidade e os discursos que legitimam a suposta superioridade masculina no decorrer da trama. O estudo terá como fio condutor a masculinidade, a submissão e obediência das mulheres nela representadas ficcionalmente, bem como o comportamento de cada um, imposto pela sociedade da época. A pesquisa fundamentar-se-á em reflexões sobre a masculinidade, gênero e relações de poder, como as de Nolasco (1993), Perrot (2005), Robaldo (2012), entre outros.

Palavras-chave: Masculinidade. Gênero. Relações de poder. Submissão feminina.

¹ Mestra em Letras: Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc).

² Discentes do Curso de Letras Vernáculas, da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc).

Superioridad masculina: límites entre poder y submisión presentados en Gabriela, adaptación de Walcyr Carrasco

Resumen: El estudio de las representaciones de la masculinidad basadas en las relaciones de poder y la distinción entre sexos. Por lo tanto, vamos a analizar el comportamiento de algunos personajes, como Sinhazinha, Jesuíno, Nacib, Gabriela y Raimundo Falcão, de la adaptación de Walcyr Carrasco, *Gabriela*, centrándose en el discurso de la universalidad y discursos que legitiman la supuesta superioridad masculina abordadas en la trama. El estudio se desarrollará sobre reflexiones sobre la masculinidad, la sumisión y la obediencia de las mujeres representadas en la ficción, así como el comportamiento de cada uno, impuesta por la sociedad de la época. La investigación se basa en las reflexiones sobre la masculinidad, género y relaciones de poder, como las de Nolasco (1993), Perrot (2005), Robaldo (2012), entre otros.

Palabras clave: Masculinidad. Género. Relaciones de poder. Sumisión de la mujer.

Introdução

Na Idade Média, havia uma enorme diferença entre os papéis atribuídos aos homens e as mulheres: enquanto o primeiro era responsável por manter e proteger a família, o papel feminino se resumia à total submissão. É nessa época também, que a *Inquisição* passou a perseguir as mulheres, usando o mito do *Pecado Original*. Denominando algumas mulheres como *Bruxas*, a Igreja Católica

comandou um massacre, executando milhares de mulheres em um único dia, supostamente em nome de Deus³.

A inferioridade feminina está baseada no conceito de que a mulher é fraca, submissa, passiva; avessa ao homem, forte, viril, racional. Essa dicotomia nas relações do gênero é abordada por Berengère Marques-Pereira (2009), ao citar um dos resquícios da *Revolução Francesa*, de liberdade, igualdade e fraternidade como uma universalidade abstrata, pois inúmeros argumentos legitimam um discurso inferiorizante.

Os próprios argumentos bíblicos foram usados para legitimar a inferioridade feminina. Vemos isso em 1 Pedro 3:7: “atribuindo-lhes honra como a um vaso mais fraco, o feminino”. Percebemos então, que a mulher tem uma denominação inferior. Além disso, segundo a Igreja, a mulher, como filha e herdeira de Eva, era fonte do Pecado Original e um instrumento do Diabo.

Por esses e vários outros discursos, podemos perceber que as representações da elite burguesa determinavam à mulher um padrão de comportamento considerado como adequado aos costumes sociais. Esse modelo comportamental deveria ser inculcado pela família, cujo papel era orientar e educar as jovens moças, determinando-lhes a maneira de vestir, falar e agir, bem como estar apta para o casamento e os cuidados com o lar.

De acordo com Michelle Perrot (2005, p. 447), o preceito dominante na história é o de que “toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro.” Esse tipo de pensamento

³ Dados extraídos do texto *Inquisição católica*, de Airton Evangelista da Costa. Disponível em: <<http://solascriptura-tt.org/Seitas/Romanismo/InquisicaoCatolica-JFlavio.PCristiano.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

fez com que as mulheres fossem consideradas infantis, ou seja, em casa estariam sendo supervisionadas pelo pai e pelos irmãos; ao contrair matrimônio, essa tutela passava para seu marido, legitimando a visão da mulher como segundo sexo, inferior.

Dessa maneira, as representações femininas são caracterizadas por cada época, mas ainda hoje percebemos traços implícitos que abarcam essa condição de inferioridade feminina. Este artigo tem o objetivo de fazer um breve estudo sobre as representações masculinas e femininas encontradas na novela *Gabriela*, uma adaptação de Walcyr Carrasco, do original *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, levando em conta as questões referentes ao gênero e às relações de poder.

Ao homem, a superioridade. Será?

Percebemos logo no início da novela *Gabriela*, que as representações femininas são apresentadas pelo comportamento das personagens que serão focadas na nossa análise. Encontramos, em algumas cenas, a suposta superioridade masculina do Coronel Jesuíno e a submissão de sua esposa, Sinhazinha. Além deles, temos também a concepção de amor do turco Nacib e de Gabriela, bem como os traços de “maleabilidade masculina” trazidos por Raimundo Falcão.

De acordo com Sócrates Nolasco (1993), os homens hoje tem liberdade maior para serem mais flexíveis, cuidar das crianças, ajudar em casa etc. Na adaptação de Walcyr Carrasco, vemos que os homens são os provedores – os coronéis vivem de suas fazendas, através da exportação do cacau, enquanto seus filhos (homens) vão estudar na capital Salvador, ou na Europa. Já as mulheres dedicam

seu tempo (ocioso) aos filhos, à igreja, aos bordados e à leituras de romances. A maior preocupação dessas mulheres era a de cuidar da moral e dos bons costumes, pois se uma moça “se perdesse”⁴, a culpa era sempre da mãe que não soube lhe dar a devida educação.

Encontramos, no capítulo 8 de *Gabriela*, o desespero dos homens de Ilhéus por causa da greve das “quengas”. Cabe ressaltar que essa greve só ocorreu porque as “meninas do Bataclan”⁵ foram impedidas de participar da procissão por serem prostitutas. Os diálogos denotam como era o comportamento imposto pela sociedade para os homens da época. Vejamos:

Berto: – Esse namoro no portão ta me deixando doidinho. Preciso me aliviar... Eu vou me aliviar e é já!
[...]

Sinhazinha: – [...] melhor pecar com quenga que com moça de família [...] (GABRIELA, 2012, cap. 8).

⁴ As moças que não eram mais virgens tinham o Bataclan como destino. De acordo com José Carlos de Oliveira Robaldo (2009), “a pressão social em relação à mulher que perdesse a virgindade era de tal ordem que a impedia de frequentar clubes, festas familiares e, até mesmo, acompanhar seus pais em visitas a amigos, parentes etc. A mulher em tais condições era vista como pessoa de segunda categoria, marginalizada, excluída, portanto. [...]. Não restava outra opção a essas ‘mulheres perdidas’, com raríssimas exceções, senão prostituir-se, pois “não conseguiam maridos...” (grifo do autor). Disponível em: <http://www.lfg.com.br/artigo/20090310162333156_blog-do-prof-jose-carlos-de-oliveira-robaldo_artigos-a-virgindade-e-o-meio-ambiente-.html>. Acesso em: 26 jun. 2014.

⁵ O cabaré **Bataclan** tornou-se famoso por ser citado como um dos mais importantes cenários do romance *Gabriela, cravo e canela*, de **Jorge Amado**. No cabaré, os coronéis do cacau buscavam diversão e “companhia” quando vinham das fazendas para acertar negócios e vender cacau.

Percebemos que esse comportamento atribuído ao homem é reafirmado pelas mulheres, como vemos na fala de Sinhazinha. Além disso, esse era um modo de controlar as práticas femininas, ditando-lhes padrões de comportamento e valores sociais que deveriam ser seguidos, de aceitar que seus maridos tivessem uma vida de orgias e bebedeiras. Esses valores morais eram constantemente citados na obra dramaturgica. A costureira, D. Arminda, diz a Gabriela que ela devia se orgulhar por casar de branco. Suas fotos seriam um exemplo para que seus filhos e netos acreditassem que ela teria “se casado virgem” (GABRIELA, 2012, cap. 27).

Na obra, as mulheres se entregam ao choro como válvula de escape. Esta, para os homens, é a violência, manifestada com tocaias, gritos e agressões às suas mulheres. Para Maria José Barbosa (1998, p. 325), discutindo sobre os parâmetros usados para definir masculinidade e virilidade⁶,

chorar era irremediavelmente infantil e feminino [e estava atrelado à ideia de ser um] desprezível sinal de fraqueza e vulnerabilidade, pois se qualifica como índice da incapacidade de se organizar interiormente.

Um exemplo disso é apresentado no capítulo 25, quando Jesuíno quebra o São Sebastião, o santo de devoção de Sinhazinha, e a mesma rompe em prantos. Além disso, o homem precisava mostrar-se impassível, rígido para mostrar que era um ser superior. Demonstrar sua autoridade significava manter a ordem na família e na sociedade.

⁶ *Concebe-se*, então o homem racional, indomável, conhecedor, superior, e, por sua vez, *concebe-se* uma mulher adaptável, cumpridora de regras, dada à emoção, que necessita do controle masculino, por ser desprovida do *domínio da razão*.

É bom lembrar que essa superioridade era demonstrada principalmente através do sexo, em casa e com as prostitutas. De acordo com Nolasco (1993, p. 67-71):

A preocupação com o desempenho sexual ocupa relativo espaço na identidade dos homens. [...] Os meninos crescem tendo por padrão de comportamento um conquistador, ou guerreiro imaginário de apetite sexual insaciável. [...] O imaginário masculino está permeado por marcas de força, poder e dominação tanto do outro quanto de si.

Na trama, encontramos no capítulo 26, o leilão da virgindade de uma nova prostituta. Apesar de a “moça da vida” não ter tido relações sexuais, essa condição era tão importante para um homem, que valia a pena pagar caro para ser o primeiro a desvirginá-la. Em *Gabriela*, Jesuíno arremata o leilão por quinhentos mil réis. E ainda ameaça a jovem, caso ela não tivesse dito a verdade sobre sua pureza:

Jesuíno: – Eu paguei muito caro pela tua virgindade. Eu não respondo por mim se for mentira.

Prostituta: – Eu nunca deitei com homem nenhum, coronel. Começo como?

Jesuíno: – Só me obedeça. Tire a roupa! É... vale os quinhentos mil réis!

Prostituta: – E agora faço o que, coronel?

Jesuíno: – Se vire! Abra as pernas! Você vai gemer porque eu tenho muita macheza. É por isso que eu gosto de quenga. Mulher da gente acha que tem vontade. Quenga faz o que a gente manda (GABRIELA, 2012, cap. 26).

Nesse trecho, o coronel Jesuíno faz distinção entre o comportamento da esposa e o da prostituta. A esposa, embora tratada por ele com certa rispidez, era respeitada e não se podia fazer “tudo” o que se queria. Na cena em estudo, o coronel puxa os cabelos da jovem prostituta e a atira na cama, coisa que ele jamais faria com sua esposa. Sem contar que os “gemidos” da jovem não seriam tidos como sensação prazerosa, mas sim como vulnerabilidade da moça e superioridade dele “como homem”. Segundo nos diz Nolasco (1193, p. 72):

o traço sexual tem importância na identidade dos homens na medida em que é consequência da construção de uma identidade que se faz por entre estímulos narcisistas e agressivos, alinhavados pela ideologia do ‘tudo pode’ (grifo do autor).

Não só o coronel Jesuíno expressa isso em várias partes da novela, como também o jovem Berto, que justifica suas ações ao dizer: “eu sou homem” (GABRIELA, cap. 9). Além disso, era preciso ter uma família impecável: uma esposa digna, confiável e virtuosa. Como diz Michelle Perrot (2005), a valorização da família põe em oposição homens e mulheres por diferenciar os papéis sexuais sociais dos mesmos: mulheres domésticas; homens políticos. A submissão de Sinhazinha e sua passividade diante das grosserias do marido fazem com que seja vista como “uma santa” que se “confessava uma vez por semana”. Por isso, uma pergunta de Sinhazinha, irritou o coronel, uma curiosidade que não era característica de seu comportamento:

Sinhazinha: – Meu marido, posso lhe fazer uma pergunta?

Jesuíno: – Perguntar pode, só não lhe garanto que vou responder.

Sinhazinha: – O senhor nunca me beijou na boca. Por quê?

Jesuíno: – É o quê?

Sinhazinha: – São tantos anos que me casei com o senhor. Só me beijou na boca uma vez, na igreja, na frente do altar. Um beijo rápido, numa marcha.

Jesuíno: – Num *tô* gostando dessa conversa. Se nesse tempo todo não senti falta, por quê a pergunta agora?

Sinhazinha: – O senhor me perdoe, mas eu senti falta sim. Aqueles beijos que eu lia nos livros quando era mocinha... Só não tive coragem de perguntar.

Jesuíno: – Nem devia! Deus é mais! Isso não é conversa de esposa decente, bem casada. É curiosidade de quenga.

Sinhazinha: – Eu peço que não me ofenda, meu marido.

Jesuíno: – Foi a senhora que me ofendeu com essa pergunta. Mulher decente nem pensa nessas coisas. Agora deixe isso ai. Deixe isso aí! Vá para o quarto!

[...]

Jesuíno: – Lhe assustei?

Sinhazinha: – É... eu tava rezando para o meu santo de devoção.

Jesuíno: – Melhor assim. Mulher que reza não enche a cabeça de caraminholas.

Sinhazinha: – Só mais uma perguntinha, marido. Posso?

Jesuíno: – A senhora ta muito perguntadeira. O que é que houve?

Sinhazinha: –Se eu lhe pedir um beijo, o senhor me dá? (GABRIELA, 2012, cap. 26).

Em toda a trama, o coronel faz questão de diferenciar o papel da mulher casada e o da prostituta. Enquanto a primeira, mesmo não sendo dona de si ou de seu corpo, ainda pode reclamar algumas coisas, “acha que tem vontade”. Já a prostituta não tem essa “vontade”, ela é apenas uma mercadoria que pode ser usada do modo que seu “comprador” bem entender. Interessante notar que Sinhazinha trata seu esposo com total submissão, chamando-o de “Senhor meu marido”, deixando clara sua superioridade em casa.

Apesar dos traços coronelistas característicos da época, encontramos em Nacib traços menos rígidos da masculinidade em foco. Mesmo querendo moldar Gabriela aos padrões da época, ele não fazia distinção em seu comportamento afetivo, seja com Gabriela, seja com as meninas do Bataclan. Esse comportamento, provavelmente, estava atrelado à outra cultura, pois Nacib morava há muito tempo em Ilhéus, mas era de origem turca, tinha outra cultura, outras vivências. Numa conversa com Gabriela, D. Arminda ensina a moça a conquistar o marido, baseada em sua vida de casada:

o marido tem direito sobre a esposa, mas a mulher com jeitinho, com dengo é quem, de fato, manda na casa. Hoje não, tô viúva e honesta, mas meu marido fazia tudo que eu queria. Tu vai ser igual. Nacib vai fazer tudo que tu mandar (GABRIELA, 2012, cap. 25).

No fragmento supracitado, encontramos novamente a reafirmação feminina de superioridade masculina e submissão feminina. Para conseguir alguma coisa, era preciso ir “com jeitinho, com dengo”. No mesmo capítulo, vemos também a ideia que era disseminada na época em que a obra se passava, pois, ao ir escolher o tecido para o vestido de casamento, Nacib acompanha Gabriela e D. Arminda; quando eles trocam um beijo, a costureira o repreende, dizendo “Nacib, se *vosmicê* não quer falatório, trate Gabriela como moça de família” (GABRIELA, 2012, cap. 27). Os costumes locais da referida época não incluíam beijos apaixonados ou abraços entre os casais de namorados. Aquele era um comportamento impróprio que poderia “despertar” o “instinto sexual” do rapaz enamorado.

A obra em estudo traz um período de mudanças sociais e econômicas, representadas ficcionalmente na personagem Mundinho Falcão, que chega como símbolo de progresso. Apesar disso, o próprio Raimundo Falcão continua reafirmando o poder patriarcal, ainda que de forma mais branda. Ele tenta, por exemplo, “fazer uma doação” para que a madre libere Gerusa do convento, comportamento típico dos coronéis da época.

Obviamente ele era um homem flexível, que tinha uma visão político-social abrangente, mas em algumas passagens percebemos a manutenção do patriarcalismo como uma marca que ainda se estenderia por um longo período. Um desses traços está no último capítulo da novela, quando ele é eleito o novo Intendente de Ilhéus e recebe um centro, o mesmo que era usado pelo coronel Ramiro Bastos, como símbolo de poder e superioridade. Ainda neste capítulo, encontramos a alegria de Mundinho ao descobrir que vai ser pai e refaz seu pedido de casamento, por amor

a Gerusa e por amor ao [seu] filho. É digno de nota que, a partir desse momento, a postura de Mundinho, não é apenas a de um homem apaixonado, mas de protetor e provedor de sua família. Quando seu filho nasce, ele faz questão de dizer que está orgulhoso da esposa, pois o filho é um menino. Novamente, encontramos um traço sutil da continuidade do patriarcalismo: o nome do menino será Ramiro, em homenagem ao bisavô.

Considerações finais

Retomando os estudos de Nolasco (1993, p. 93), vemos que esse comportamento masculino está permeado “historicamente por um desejo de reconhecimento social que vem conduzido por um apelo em ser carismático, o centro das atenções, sedutor e galanteador”. Percebe-se que o poder patriarcal, abordado nos fragmentos analisados, ainda é muito presente nas sociedades atuais. Algumas mulheres continuam a reproduzir o discurso de ser o *Outro*, como D. Arminda e Sinhazinha o faziam: enquanto a costureira aconselhava Gabriela a se comportar de acordo com os costumes da época, Sinhazinha se mostrava submissa em todos os sentidos, sofrendo inúmeras humilhações. Essa breve análise permite perceber como as questões sobre a suposta superioridade masculina e as relações de poder ainda se fazem presentes na atualidade.

O poder patriarcal abordado nessa breve análise se dá pelo viés das diferenças no modo de ser, pensar e fazer entre homens (relacionados à razão) e mulheres (relacionadas à emoção) como constituições culturais, tão bem representadas na adaptação de Walcyr Carrasco. Por isso, entende-se hoje que não há diferen-

ça de sexo por si só, antes reivindica-se a *igualdade* na *diferença*. Não há mais a possibilidade de se manter a ideia de que existe um modelo masculino e um feminino universais. Por meio de discussões sobre a pluralidade, começam a existir diferentes modos de ser referentes ao masculino e ao feminino. Busca-se, cada vez mais, o direito à igualdade e o respeito à diferença. Talvez o futuro esteja mais próximo do que imaginamos.

Referências

BARBOSA, Maria José Somelarte. Chorar, verbo intransitivo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 321-343, 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51279>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

BÍBLIA, N. T. Pedro. Português. **Bíblia Online**. [s. l., 2014]. Cap. 3, vers. 7. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/1pe/3>> . Acesso em 25 jun. 2014.

COSTA, Airton Evangelista da. **Inquisição católica**. [S.l., [21--?]]. Disponível em: <<http://solascripturatt.org/Seitas/Romanismo/InquisicaoCatolicaFlavio.PCristiano.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

GABRIELA. Roteiro de Walcyr Carrasco. Direção de Mauro Mendonça Filho. Rio de Janeiro: Central Globo de Produção, 2012. 77 capítulos, son. color.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

ROBALDO, José Carlos de Oliveira. **A virgindade e o meio ambiente**. [S.l., [21--?]]. Disponível em <http://www.lfg.com.br/artigo/20090310162333156_blog-do-prof-jose-carlos-de-oliveira-robaldo_artigos-a-virgindade-e-o-meio-ambiente-.html>. Acesso em: 26 jun. 2014.